



Antíteses

ISSN: 1984-3356

hramirez1967@yahoo.com

Universidade Estadual de Londrina
Brasil

Arantes Silva Moreira, Marília

Visões do comandante Thomas Jefferson Page (U.S. Navy) sobre a América do Sul: CULTURA MARÍTIMA E O DISCURSO IMPERIAL NA NARRATIVA DE VIAGEM, "LA PLATA, THE ARGENTINE CONFEDERATION AND PARAGUAY (1853 - 1860)"

Antíteses, vol. 7, núm. 13, enero-junio, 2014, pp. 277-308

Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193331342014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Visões do comandante Thomas Jefferson Page (U.S. Navy) sobre a América do Sul: **CULTURA MARÍTIMA E O DISCURSO IMPERIAL NA NARRATIVA DE** **VIAGEM, “LA PLATA, THE ARGENTINE CONFEDERATION AND** **PARAGUAY (1853 - 1860)”**

Visions of Thomas Jefferson Page, U.S. Navy Commander, through South America: maritime culture and the imperial discourse in the narrative of exploration, “La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay (1853 - 1860)”

Marília Arantes Silva Moreira ¹

RESUMO



O artigo propõe-se a acompanhar as visões, imagens e julgamentos, do comandante da U.S. Navy, Thomas Jefferson Page, sobre os países que ele visitou na América do Sul, expressos na narrativa de viagem “*La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay (1853-1860)*”. Predominantemente, analisam-se as visões construídas por Page sobre o presidente do Paraguai, Carlos Antonio López e o presidente da Confederação Argentina, Justo José de Urquiza. Enquanto o comandante sulista, por um lado, recriminava López mediante protecionismo e proibição da navegação dos rios paraguaios, por outro, enaltecia o argentino Urquiza que facilitava a mesma operação em seus domínios.

Palavras-chave: Estados Unidos. América do Sul. Viagens e viajantes. Cultura e política.

ABSTRACT



The objective of this article is to observe the visions, images and judgments made by the southerner U.S. Navy Commander, Thomas Jefferson Page, through the expedition made in countries of South America, according to his narrative of exploration, “*La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay (1853-*

¹ Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo (USP).

1860)". Predominantly, it analyses the author's constructed visions over the Paraguayan President, Carlos Antonio López, besides those of the Argentinean President, Justo José de Urquiza. While Page, in one hand, indicted López's "protectionist" policy on the river navigation in Paraguay, in the other, he intended to flatter the Argentinean Urquiza, as far as he maintained the "international" river navigation liberated under his *dominium*.

Keyword: United States of America. South America. Voyages and voyagers. Culture and politics.

Introdução

Ao longo do século XIX, a navegação dos rios tornou-se uma questão estratégica às nações marítimas. Potências navais lançaram expedições pelos interiores dos continentes mais remotos ao universo eurocêntrico, procurando revelar regiões até então desconhecidas, sobretudo, com a finalidade de explorá-las comercialmente.

Desde o século XVIII, a história natural ganhou importância no Ocidente, quando estabeleceu-se o projeto classificatório global das espécies pelos europeus. Pelo *sistema naturae* de Lineus, viajantes - fossem cientistas ou não-, passaram a descrever a natureza das "terras exóticas e selvagens". No contexto do debate internacional sobre a livre navegação dos rios, utilizavam também as narrativas de viagem para afirmarem um discurso imperial. O mito do progresso e neutralidade da ciência serviam uma *cultura imperial* - também em voga nos Estados Unidos, além dos países europeus.

Enquanto agentes estrangeiros enriqueceram acervos de museus nos centros metropolitanos conforme colecionavam espécimes de faunas e floras, ilustravam o domínio de cada país na corrida pelo conhecimento do mundo. E, como pretende-se analisar aqui, os norte-americanos estavam decididos a angariar suas coleções. Sobretudo nas Américas, seguiram a meta de ultrapassar em termos científicos as potências marítimas mais tradicionais, (PRATT, 1999).²

A expedição do navio *Water Witch* carregava objetivos explícitos, como trabalhos científicos de cartografia e coletas de espécimes da região, por exemplo. Nela, buscavam a ligação fluvial do *Prata* ao *Amazonas*, além do estabelecimento de tratados comerciais e de livre navegação entre países da América do Sul. Entretanto, importantes objetivos implícitos determinaram a realização da viagem, embora pouco apareçam na documentação oficial.

² A expedição científica internacional, instrumento de expansão no século XVIII, tornaria-se na metade do século XVIII um catalizador de energias e recursos. Sobre os acervos de museus, norte-americanos competiam principalmente com o Museu Pérgamo na Alemanha, o British Museum (Grã-Bretanha), do Vaticano (Itália), e do Louvre (França).

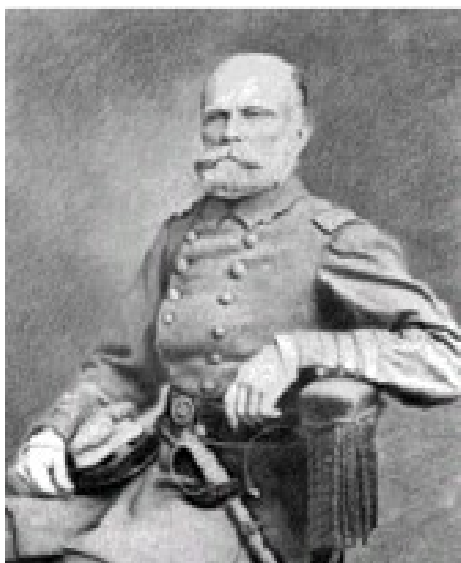
Nessa época, sulistas dominavam cargos estratégicos da administração pública dos Estados Unidos e comandavam a U.S. Navy. Thomas Jefferson Page, representava uma elite assustada com o antagonismo do noroeste *Yankee*, industrializado e mais próximo do liberalismo europeu, na pressão anti-escravista. Seu grupo de interesses precisava realizar tais objetivos apressadamente, enquanto ainda estavam sob poder na *U. S. Navy*. Entre outros conterrâneos, propectavam a transferência de famílias com seus escravos para espaços pouco habitados, caso a escravidão viesse a ser abolida no país ou estourasse uma Guerra Civil entre Norte e Sul, (MOREIRA, 2013).

Frente a tais incertezas, o sul do continente americano esteve sob a mira de sulistas esperançosos. Contudo, a execução dos ousados objetivos não foi fácil. A resistência do presidente paraguaio Carlos Antonio López (perante insistência de Page) representaria a aniquilação das expectativas da expedição logo na sua primeira etapa (1853 a 1855), tanto em se reestabeler o tratado com o Paraguai, como comprovar a possível interconexão entre as bacias do *Prata* e do *Amazonas*.³

Portanto, sua origem social infere também seu *lugar de enunciação*. Herdeiro de famílias tradicionais da Virgínia, Page considerava-se entre “Aristocratas sulistas”; homens das *plantations*, pretendiam conservar um *status quo* ameaçado, (GLENN, 1899). A *visão do autor* é de fundamental relevância para compreendermos as imagens que ele construiu sobre a América do sul. Do ponto de vista que ele descreve a região, norteia interesses políticos sobre questões culturais, adaptando a paisagem às conveniências de seu modo particular, mediante as estreitas perspectivas do seu grupo social.⁴

3 O episódio dos tiros de canhão que destruíram o navio *Water Witch* interrompeu a prospecção do rio *Paraguay* e adjacentes, como o *Pilcomayo* e o *Vermelho*, e a lagoa de *Otuquis*, todos com chance de navegabilidade à Bolívia e ao Peru.

4 Nascido em 1808, entre pioneiros colonizadores de Gloucester County, Virgínia, Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos, entre 1801-1809, foi amigo íntimo do seu avô Nelson, signatário da Constituição dos Estados Unidos. Seu avô paterno John Page, advogado, serviu o Congresso norte-americano e foi o 13º governador da Virgínia. Thomas Jefferson era seu amigo íntimo, freqüentava a sede da família, a *Rosewell Plantation*, propriedade colonial escravista. Seu avô materno, Thomas Nelson Jr., sucedeu Thomas Jefferson como governador, em 1781, e foi um dos signatários do Ato de Independência dos Estados Unidos.



Thomas Jefferson Page (Imagem: The Buenos Aires Herald, 2003).

1. Cultura marítima e o discurso imperial nas Américas.

Sob égide da objetividade científica, alguns viajantes vestiam-se em tom de autoridade para narrar, transmitindo, à sua maneira, o que haviam visto “no resto do mundo”. A começar pelas viagens oficiais, nas quais a escrita de um relato era obrigação do comandante do navio. Em 1851, a U.S. Navy começou a reparar o navio a vapor *Water Witch* para navegar os rios do Estuário do *Prata*, atravessando as principais veias da hidrografia sul-americana.

Enquanto o domínio do conhecimento científico determinava poder político, os Estados Unidos buscaram garantir seu lugar entre potências marítimas, (JUNQUEIRA, 2008). No período, a ideia de progresso associava-se à evolução das redes comerciais. A ciência incitou utilitariamente o desbravamento da natureza “selvagem” pelo homem “civilizado”. Por exemplo, no processo de expansão das fronteiras norte-americanas, cultura e política adquiriram papéis fundamentais. Afinal, juntas, elas tanto constituíram o território dos Estados Unidos quanto estabeleceram interesses nacionais no “além mar”, especialmente ao sul do continente, visando garantir a liderança norte-americana no “Novo Mundo”.

O percurso do *Water Witch*, orientado por interesses comerciais e científicos, tinha intenção de forçar a abertura de parte dos rios da região à livre navegação, ao poderio norte-americano. À expedição interessava principalmente aqueles rios que fluíam no território paraguaio ou limitavam o país com outros vizinhos, já que para comprovarem a ligação do

Prata ao Amazonas deveriam cruzar o alagadiço território do *chaco*, rumo à Bolívia e ao Peru.

No caso, abordaremos a narrativa de Page em busca de vestígios políticos e culturais, pois nela destacam-se nitidamente alguns traços centrais da *cultura imperial* que já fazia parte do referencial identitário daquele país desde a formação do Estado nacional, (JOSEPH, 1998).

As atuações dos norte-americanos no século XIX foram informadas por dispositivos discursivos diversos. Os relatos de viagem, fortes textos de idealização cultural no período, alimentaram a imaginação de leitores europeus. Também nos Estados Unidos uma crescente produção editorial consolidou este tipo de literatura como foco de interesse público, coloca a historiadora Mary Louise Pratt, (PRATT, 1999).⁵ Tal gênero literário, híbrido por natureza - o qual aceita livremente a mistura de discursos científicos, políticos, autobiográficos, ficcionais, etc. -, auxiliou na circulação de ideias e construção das imagens e julgamentos sobre o “diferente”. Ou seja, os outros lugares e tudo o que eles envolviam.⁶

Neste sentido, conforme aponta Edward Said, em “Cultura e Imperialismo”, a questão cultural exprime poder sobre a disseminação de representações que, como as de Page, foram articuladas na antinomia entre “nós” e “eles”. Em notas de autores norte-americanos do período estudado, identifica-se vigente cultura imperial pela construção de um espaço doméstico que delimita outros lugares. Estes autores, assim como Page, disseminaram uma estreita visão da América do Sul e seus habitantes. Page falou a partir dos Estados Unidos — mais particularmente do sul do país — e de um lugar de autoridade, construindo na narrativa o espaço doméstico (os Estados Unidos) e o outro lugar (a região do *Prata*). A partir desta separação, ele constrói, julga e projeta suas visões sobre o outro, carregadas de intencionalidades tanto culturais como políticas, (SAID, 1995).

Vale ressaltar que, no século XIX, uma enorme curiosidade pela América do Sul tocava a sociedade norte-americana em geral. Conforme aponta Ricardo Salvatore, a produção de uma série de impressos, incluindo os relatos de viagens, foi conformando com o tempo uma imagem construída da América do Sul, incluindo-a na órbita do conhecimento norte-americano. O decorrente e bem-sucedido estabelecimento de um mercado editorial pautado pelo gênero de “aventura” como ofereciam os relatos de viagem, contribuiu para afirmar a produção e aceitação do público às imagens feitas pelos agentes expedicionários, (SALVATORE, 1998).

5 Principalmente dois conceitos da autora foram aqui considerados; *zonas de contato*, “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” e *transculturização*; “apropriação resultante destas interações com a cultura dominante nas localidades”. Considera-se que povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, mas efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e em que a utilizam.

6 Notavelmente, o relato da expedição de *Lewis & Clarke* pelo interior norte-americano, rumo ao noroeste e ao Pacífico, foi um marco entre as viagens amparadas pela racionalidade iluminista; angariou um grande número de leitores.

2. Comércio, Ciência e Progresso.

Como aponta a historiadora Mary Anne Junqueira, no período, os Estados Unidos “buscavam ganhar um lugar no mundo”, ampliando suas influências geopolíticas, (JUNQUEIRA, 2008). Eles lançaram expedições de grande envergadura (oficiais e científicas) com a finalidade de conhecer, mapear e apreender novas possibilidades. Colocaram o corpo da U.S. Navy presente em lugares estratégicos, determinando esquadras navais para superar as produções cartográficas existentes e competir por novos negócios, (SCHROEDER, 1943).

Ao total, doze expedições oficiais dos Estados Unidos destinaram-se ao sul da América no século XIX. Segundo Mary A. Junqueira, interesses norte-americanos voltaram-se à região até metade do século, exceto pelo período de disputa da Guerra contra o México (1846-48). Porém, após a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) e possível abertura de um canal para o Pacífico, passaram a concentrar tais esforços geoestratégicos na América Central, (JUNQUEIRA, 2007).⁷

Ainda que os Estados Unidos tivessem enviado expedições à América do Sul, na época, os principais interesse do país — como dos europeus — estavam voltados para o Pacífico. Aos americanos interessava, sobretudo, forçar relações comerciais com a China e o Japão. Page expôs o seu interesse em comandar uma expedição aos países da Ásia, mas acabou por ser indicado para a expedição ao *Prata*, (SCHROEDER, 1943).⁸

Quando o *Water Witch* zarpou dos Estados Unidos, em 1852, a expedição reunia aproximadamente 60 homens, entre sete oficiais, quatro engenheiros, um cirurgião assistente e a tripulação.⁹ Aparentemente, não havia corpo científico (como naturalistas, por exemplo), pois os espécimes recolhidos seriam enviados para análise ao *Naval Observatory* e o *Smithsonian Institution*, ambos em Washington.¹⁰

Como em outras viagens da época, as funções do comandante eram amplas. Além das sondagens científicas voltadas à navegação, Page deveria persuadir a renegociação de um

7 Na primeira metade do século XIX, estabeleceram-se as seguintes esquadras navais com objetivo de garantir a circulação dos navios norte-americanos pelos mares: *Mediterrâneo* (1815), Índias Ocidentais (1822), Pacífico (1821), Brasil - ou Atlântico Sul - (1826), Índia (Ásia - 1835), Esquadra doméstica (1841).

8 Page almejava comandar a viagem pelo *Yang-Tsé*, rio que dava acesso ao rico interior da China. Mas o Secretário da Marinha nomeou o oficial Cadwallader Ringgold no lugar. Page ressentiu-se, porém aceitou rapidamente liderar a viagem pela bacia do *Prata*.

9 Os sub-oficiais mais mencionados por Page são; os tenentes Powell, Ammen e Murdach. Este último costumava liderar expedições por terra.

10 De acordo com o *Smithsonian Institution*, o botânico Edward Palmer acompanhou a expedição, embora tenha se afastado dos trabalhos, em 1855, por malária. Page não o menciona no relato de viagem. Segundo o *website* da instituição, Palmer descobriu a baunilha (*Bauhinia glabra*), no Brasil. Ver em: http://www.botany.si.edu/colls/expeditions/expedition_page.cfm?ExpedName=9

tratado de comércio e navegação com o Paraguai que vinha perdendo vigor. Com poderes diplomáticos para agir junto aos cônsules em exercício na região, aproveitaram a oportunidade de livre navegação oferecida por partidários da Confederação Argentina, na figura de Justo José de Urquiza, que depois tornaria-se um homem próximo de Thomas Jefferson Page.

Porém, entre tantas expectativas, os objetivos de Page não eram simples. No cenário político local, Estados nacionais lutavam para se organizar, apresentando disputas locais diversas. Além disso, intensa competição estrangeira tomava corpo na região, essas disputas muitas vezes acabaram em conflito. No caso dos interesses dos Estados Unidos, um impasse envolvendo o presidente paraguaio, Carlos Antonio López, que sustentava a proibição da navegação dos rios em seu território, levaria ao episódio no qual se disparou tiros de canhão avariando o *Water Wich*, em 1855.

Note-se que os governos, dependendo do caso em questão, podiam defender a abertura ou o fechamento dos rios à navegação. Com efeito, a diplomacia brasileira se posicionou contra a navegação de estrangeiros no *Amazonas*. Mas, por outro lado, defendeu a abertura de partes da bacia do *Prata* à navegação. Nem todo país conseguiu resolver estes impasses diplomaticamente. O presidente Carlos Antonio López tentou defender a preponderância da jurisprudência nacional sobre tratados comerciais e internacionais, restringindo tráfego no rio *Paraguay*. Porém, tal medida acabou por levar seu país ao conflito com os Estados Unidos.

3. Interesses da “aristocracia sulista” e o impasse no Paraguay.

Veremos que as visões de Page sobre a América do Sul são carregadas de subjetividade e expectativas. Seguramente, a expedição cumpria objetivos científicos. Mas, mesmo estes, regiam-se por inclinações políticas e comerciais. O comandante buscava sobretudo, comprovar a teoria oceanográfica desenvolvida Matthew Fontaine Maury - influente cientista e político, Superintendente do Observatório Naval, entre 1844-61, no período de administração sulista da U.S. Navy. Em sua teoria, afirmava que a América do Norte e a do Sul estavam natural e fisicamente vinculadas, envolvidas pelas mesmas correntes de vento e marítimas.¹¹

¹¹ Enquanto Chefe do Departamento de Cartografia e Instrumentos, Maury criou o “Mapa das Correntes e Ventos do Atlântico Norte” (1853), ainda referencial à navegação atual. Entretanto, propôs também teorias polêmicas, como em “Geografia Física dos Mares e sua Metereologia” (1855), cuja teoria procurava demonstrar que alguns continentes – as Américas, por exemplo - poderiam ser contíguos em razão de correntes e ventos marítimos.

Page foi inserido no alto escalão da U.S. Navy por sua linhagem, um *protégée* de Matthew Fontaine Maury. Frequentou a escola naval de Gosport (Norfolk-Virginia), no auge da administração sulista. Ele teve seu primeiro treinamento intensivo nas Antilhas, depois se iniciou à exploração hidrográfica na costa de Nova York. Depois, serviu nas esquadras do Mediterrâneo e do Brasil, logo foi indicado ao Centro de Astronomia do Observatório Naval de Washington, junto a M.F. Maury, especializou-se em conhecimento estratégico e mapeamento cartográfico. Em 1848, foi nomeado comandante da corveta *Plymouth* pelos mares da China e Japão, em missão de segurança comercial na Esquadra da Índia, (JUNQUEIRA, 2007).

Contudo, sabe-se que dificuldades e conflitos com piratas no retorno pelo Cabo Horn, em 1851, influenciaram em descrédito quanto à sua capacidade para comandar uma próxima expedição à Ásia, (PONKO JR., 1974). Porém, Page justifica que não comandou a expedição ao Oriente em razão da sua posição na U.S. Navy. Ele era capitão-tenente e os interesses no Japão e na China demandavam que um oficial de patente mais alta comandasse a expedição, (PAGE, 1871).¹²

No relato, o tom com que Page se refere à missão ao Estuário do *Prata* indica que ela deveria ser relativamente tranquila. Porém, como aponta o historiador norte-americano Oscar Fitzgerald, desde 1853, os sulistas já vinham lidando com a resistência de López aos negócios norte-americanos no Paraguai. Além disso, a missão de resolver o acordo com o país torna-se clara entre os objetivos *oficiais* designados ao comandante.

O primeiro sulista a persuadir sobre o futuro promissor do Paraguai junto aos EUA foi Edward Hopkins, ex-oficial da U.S. Navy. Em uma carta a James Buchanan, então Secretário de Estado norte-americano, Hopkins certificou que o país “era o Estado mais forte e rico do Novo Mundo, depois dos Estados Unidos”. Então, forjou relações consulares convencendo o presidente James Polk à realizar uma expedição pioneira ao país, em 1845. Ele garantiu um monopólio de quinze anos sobre a exploração dos transportes a vapor, das indústrias de tijolo, placas de madeira, tabaco, e têxtil, à *The United States and Paraguay Navigation Company*, companhia fundada, em 1852, com capital inicial de US \$100.000 (dólares) de investidores norte-americanos e internacionais, (FITZGERALD, 1972).¹³

Contudo, em 1854, a aliança entre López e os norte-americanos começou a decair. No lugar, os paraguaios contraram oficiais britânicos para realizarem serviços navais. López suspendeu o Tratado de 1853 anulando garantias dadas aos norte-americanos. Frente à

12 As traduções foram feitas pela autora.

13 Fitzgerald aponta um trato entre o sulista E. Hopkins e C.A. López; se formalizasse o reconhecimento da independência do Paraguai com a Confederação Argentina, cumpriria-se como contrapartida: garantia de 15 anos de monopólio de exploração da navegação do rio *Paraguay* e na indústria de tabaco, tijolos, madeira e têxtil, pela *The United States and Paraguay Navigation Company*, companhia fundada em 1852, com capital inicial de investidores de Long Island, nos Estados Unidos, além dos investimentos internacionais. John Pendleton, *Chargé d’Affaires* norte-americano em Buenos Aires, ratificou o acordo em 1853.

resistência dos sulistas, promulgou o *Ato de Expulsão dos Estrangeiros*, em 1854, eliminando esta presença no país. Desacordos incidiram em casos de agressão física, acusações de irregularidades sobre a posse de terras, resultaram no fechamento de fábricas norte-americanas, entre demais desentendimentos. O estopim foi o ataque ao navio *Water Witch*, em 1855.

Ante a desavença com López, frustraram-se perspectivas relacionadas à viagem e interesses sulistas em países sul-americanos, para além do *Prata*. Pretendiam afirmar uma logística continental, unindo a saída do Atlântico ao Pacífico pelo *Prata* (Paraguai e Argentina) e a do Pacífico ao Atlântico, pelo *Amazonas* (do Peru ao Pará, conforme realizaram os oficiais norte-americanos William Herndon e Larder Gibbon, em 1851). A missão de Page focava-se na saída para o Pacífico e, por isto, ele precisava ultrapassar o Grande Chaco fosse pela Argentina ou pelo Paraguai.

Isto porque o grupo sulista estava articulado a elites na Bolívia e Peru visando, especialmente, a exploração de minérios; no Chile, a exploração do *guano*. Também, se colocaram presentes no Equador, Colômbia e Venezuela cerceando diversos interesses, conforme os projetos de Maury à qual a livre navegação seria imprescindível.¹⁴

4. Imagens construídas sobre a América do Sul.

Veremos que em sua narrativa Page analisa de forma muito negativa o Paraguai de López, que proibia a navegação dos rios, atingindo os interesses norte-americanos, enquanto avaliava de forma muito positiva o argentino Urquiza, que defendia a livre navegação em seu território.

No texto, Page personifica o “bom representante”, determinado a convencer o leitor, ou o Congresso - seu público-alvo -, contra os atos do presidente do Paraguai, oferecendo razões para continuidade da expedição. Neste sentido, generaliza que governos autoritários e disputas locais significavam falta do uso da razão, logo, falta de civilidade perante os impasses. O discurso do autor evoca o “bom senso” de uma mentalidade pragmática, mas de “mão única”.

Ele divide temas segundo etapas da trajetória, por água e terra, em ordem aparentemente linear e cronológica. Embora os acontecimentos destacados sigam o

14 O guano era um mineral abundante nas cercanias do deserto do Atacama e foi amplamente utilizado como fertilizante tornando-se uma *commoditie* valorizada nas bolsas de valores mundiais, especialmente em Londres. A atividade de extração gerou desentendimentos entre Bolívia e Chile, poucas décadas depois, em 1872, resultando na perda das saídas da Bolívia para o mar com a Guerra do Pacífico (1879-1883). De forma similar, e muito próximos à política externa dos EUA, Bolívia, Equador e Peru declararam livre navegação dos rios, em 1853.

movimento geográfico da expedição, encontram-se indícios, em diversos momentos, da adaptação idealizada do tempo em que ele organiza fatos à lógica do seu argumento.

Assim, o episódio do ataque ao navio norte-americano é o eixo da estrutura narrativa. Conforme a teoria do linguista Tzvetan Todorov, percebe-se a existência de uma dupla de categorias fundamentais na linguagem, em dois planos distintos de enunciação: o do discurso e o da história. Assim, a *fábula* condiz à série de acontecimentos representados e a *trama*, um arranjo particular dado aos acontecimentos pelo autor, (TODOROV, 1970).

Mas na trama tendenciosa de Page, fatos constroem imagens persuasivas. Ainda, em ensejos de “faltas de assunto”, ele incorpora o mote científico buscando camuflar questões econômicas e fortalecer o discurso da *anticonquista*, no olhar do viajante *observador*, ou “testemunha ocular”, (PRATT, 1999).

Buscando diminuir as diretrizes comerciais da expedição, Page justifica sua missão pelo bem comum e o progresso científico, embora este, no século XIX, evocasse neutralidade e compromisso com a verdade. Porém, o autor delata sua mentalidade colonial à maneira de quem mente para si mesmo. Deturpar os fatos ultrapassa sua consciência individual. Em nome do argumento, ele forja evidências, enfatiza assuntos para criticar o Paraguai, apoiando-se na cultura dominante (a sua). Supostamente, na visão do autor, até a violência – última instância da diplomacia - passa a ser aceitável, (SAID, 1995).

É importante notar que, na narrativa de Page, as críticas ou elogios aos sul-americanos concentram-se na esfera das tomadas de decisão, as figuras dos presidentes do Paraguai e da Argentina. Em razão dessa escolha do autor, passo a discorrer sobre como o comandante norte-americano construiu imagens sobre os latino-americanos jogando sombras sobre um e luzes sobre o outro.

4.1 As sombras do presidente paraguaio Carlos Antonio López.

No relato de Page, enquanto os Estados Unidos estavam no caminho do progresso, amparados pela racionalidade política, pela ordem e pela lei, países como o Paraguai permaneciam em estágio atrasado, sob domínio despótico de homens que concentravam em suas mãos um poder abusivo.

No trecho selecionado abaixo, Page relata o primeiro encontro que teve com Carlos Antonio López, no qual procurava negociar a navegação para além dos limites impostos pelo presidente.

Sugeri o imenso valor dos resultados da nossa expedição para a ciência, argumentei que seu caráter não deveria ser considerado simplesmente especulativo ou comercial, de acordo com o que eu sabia e até onde sua inteligência lhe permitiria compreender. Ou seja, que ao dar ao mundo um conhecimento sobre águas "tão pouco conhecidas", nossas explorações confeririam um benefício positivo e imediato aos seu próprio país e vizinhos. Afinal, em relação ao povo dos Estados Unidos e outros lugares distantes, só poderiam estar remota ou incidentalmente interessados em sua realização, (PAGE, 1871).

Assim como neste trecho da narrativa, frequentemente se nota a inversão completa de valores do comandante. No caso, ele argumenta que a expedição seria mais interessante para os próprios paraguaios do que propriamente para os Estados Unidos. Mas como López não cedia à pressão dos interesses de Page, ele acusa que devido a limitações de inteligência, o presidente era incapaz de alcançar os vastos benefícios (sobretudo científicos) que teria o Paraguai mediante a realização da expedição norte-americana.

Como se sabe, o Paraguai isolou-se de conflitos entre países da região do Prata no pós-independência. Sob governo de José Gaspar Rodríguez de Francia manteve-se controle sobre a vida econômica do país (produção, circulação e distribuição), incluindo o domínio de extensas terras públicas ao Estado e uma delegação bastante significativa de territórios indígenas.

De certa forma, López deu continuidade à política precedente, embora tenha buscado inserção regional e internacional por iniciativas de comércio ele manteve o monopólio estatal junto a empresas privadas. A Confederação Argentina reconheceu a independência do país em 1852, na tentativa de expandir uma zona de influência naquela região. Isso explica porque Urquiza manteve boa relação com López e serviu como mediador na situação de conflito frente aos sulistas norte-americanos, (MEDRANO, 1989).

López era sobrinho de Francia, mas é importante colocar que isso nunca o favoreceu politicamente. Pelo contrário: eles não se davam. Tampouco López seguiu à risca sua política de governo. No período da expedição, López investia na expansão econômica do Paraguai à sua maneira, ainda que dessa forma afirmasse a tradição de Francia, relativamente protecionista.

Mesmo assim, Page se ocupou em produzir argumentos convincentes contra López na sua "narrativa de exploração". Ele tinha consciência de que o material influenciaria a diplomacia norte-americana a aprovar uma intervenção contra o Paraguai, já que a escreveu maiormente após o conflito ter sido declarado, em 1855. Para tanto, Page se esforçou em retratar López como "um ditador" refutando suas atitudes, em um texto com poucos argumentos políticos e muitas farpas pessoais. Em troca ele propunha, como receita, a

redenção ao paraguaio. Esta pautava-se pela adoção do modelo liberal da Constituição norte-americana e vigência da *Lei das Nações* sobre a livre navegação dos rios.

Conseqüentemente, poucos anos depois, em 1858, quando assumiu o governo dos EUA o sulista James Buchanan, por decisão do Congresso norte-americano, aprovou-se uma intervenção considerável ao Paraguai, com a finalidade de dar continuidade aos trabalhos na região. O historiador naval Vincent Ponko Jr. descreve tal participação:

Com dinheiro liberado pelo Congresso, sob autorização do presidente, o Departamento da Marinha enviou uma frota de 19 navios sob comando do oficial de bandeira William B. Shubrick para levar James B. Bowlin, oficial encarregado pelos Estados Unidos para enfrentar o Presidente Carlos Antonio López. A frota incluía o *Water Witch*, levava 2.500 homens e 200 canhões. A Page foi dado o comando da fragata *Salinas*, com o status de capitão de frota. A expedição saiu de Nova York, em outubro de 1858, (PONKO JR., 1974).

A esquadra da intervenção reuniu navios de diversas estações norte-americanas, para exigir desculpas formais do governo paraguaio pelos danos causados e a reparação do *Water Witch*. Sob ameaça de uso da força, recuperaram prejuízos financeiros e restituiram o Tratado de 1853, impondo todos os benefícios comerciais que haviam sido suspensos por López, (PAGE, 1871).¹⁵

Embora Page tenha participado da intervenção, a menciona brevemente em sua narrativa. Nota-se que ele decaiu na hierarquia da marinha durante a operação. No relato, Page buscava dissolver o poder de C.A. López e justificar uma missão civilizatória no país. Tal perspectiva de atraso e incapacidade política relativa ao Paraguai, legitimou ações como esta de caráter oficial, de uma Marinha de Guerra, fundamentada por questões culturais, a visão negativa do “ditador” López e dos paraguaios.

No trecho abaixo, sobre as consequências do Ato de Expulsão dos Estrangeiros, que em 1854, impediu sulistas de continuarem explorando negócios no Paraguai, e o episódio do ataque ao *Water Witch*, Page escreveu:

Em outros países, o insulto "poderia ter sido resolvido sem ser assunto de governo, mas aqui o Presidente, como eu já disse muitas vezes, é a

¹⁵ Na segunda etapa da narrativa, o autor menciona brevemente uma intervenção, aprovada em 1857, “para a exploração dos adjacentes ao rio da Prata” colocando que, não esteve envolvido diretamente mas não haveria como não mencionar as “circunstâncias preliminares”, pois estavam materialmente conectadas. Explica que o oficial William B. Shubrick esteve presente “para reforçar certas demandas ao Paraguai”, abrindo caminho para a continuidade da expedição na qual ele assumiu comando dos navios *Argentina* e *Alpha*. Contudo, o historiador naval, Vincent Ponko Jr., afirma que Page atuou como capitão de frota da fragata *Salinas* na intervenção. (PONKO JR., V., *Op. Cit.*, p. 129.)

lei, o judiciário, e, *de facto*, cabeça de todas as coisas. Enquanto a controvérsia foi esquentando, cada vez mais, emitiram decretos ou [bandos] para constranger tais operações então, por fim a fábrica de charutos, assim, praticamente encerrando os negócios da *American Company* no Paraguai. Eu poderia pontuar entre os [bandos] que embora sejam aplicados a todos os estrangeiros estavam, naquele momento, sendo emitidos para constrangerem **especialmente os (norte) americanos**, (PAGE, 1871).

Nota-se que, como um bom “aristocrata sulista”, Thomas Jefferson Page sentiu-se pessoalmente insultado com a atitude do presidente do Paraguai. A seu ver, a concentração de poder na figura de López definitivamente condenava o Paraguai ao atraso e à insignificância.



Retrato do presidente do Paraguai, Carlos Antonio López, (PAGE, 1871).¹⁶

Sobre o retrato de López, Page antecipa; “A gravura por si só dará ao leitor uma impressão vívida do que ele é.” (PAGE, 1871) López aparece gordo, inchado, tem o semblante fechado. É símbolo de excessos e falta de comedimento. No jantar oferecido, na residência oficial, Page o descreve ridiculamente. Ele usa um chapéu de castor, com laço dourado e penas de pavão. Sem etiqueta, não o tirou nem mesmo para sentar-se à mesa com os demais.

¹⁶ O relato de Page foi publicado pela Editora Harpers and Brothers, em 1871, em serviço à Secretaria da U.S. Navy, reúne 46 imagens acerca da “aventura” em *La Plata*. Possivelmente, os desenhos foram feitos nos Estados Unidos, segundo descrições do autor.

Aliás, Page pontua inclusive que López se sentava em uma cadeira de patamar superior. Ele salienta;

Pelo que eu saiba, o poder López é sustentado criminosamente. Não há oposição à sua autoridade. A Constituição, criada por Francia, é interpretada; o judiciário, eleições e congressos da mesma forma são controlados pelo presidente. Ele governa com autoridade inquestionável, como se fosse o Ditador supremo, (PAGE, 1871).

O governo era exercido despoticamente, sendo que a constituição nacional tinha pouca validade, já que era interpretada ao prazer dos interessados. Segundo Page, os paraguaios pouco entendiam “o mínimo sobre as liberdades individuais”.

Dê aos paraguaios esteiras, carne bovina e mandioca, e eles estão satisfeitos. Suas florestas produzem necessidades primárias, pastagens nativas engordam o gado. Eles foram calados de qualquer comunicação com outras terras, primeiro pela política espanhola, novamente pela tirania de Francia. Por não conhecerem os luxos, nem os desejam. O clima é delirantemente ameno, festivais da Igreja e ocasionais “danças”, quebram a monotonia da existência. Eles sonham, imaginando que o verdadeiro e único *Elysium* é o Paraguai, (PAGE, 1871).

A solução para um povo que ficava satisfeito com uma esteira, carne e mandioca e não percebia as potencialidades da terra em que vivia deveria ser um governo liberal, que lançasse luzes sobre a política, os negócios, a educação e povo. Segundo Page, faltava ao Paraguai um “Destino Manifesto”.

Se o governo levasse a cabo uma política mais **esclarecida**, vendesse as terras públicas, reduzisse impostos de exportação, abolisse o dízimo, monopólios de madeira, de *yerba*, borracha, etc., despertariam os empreendimentos paraguaios por estímulo do comércio, e a receita pública provavelmente cresceria bastante. Há de haver, **até mesmo para o Paraguai**, um “destino manifesto”. López tem a capacidade, só lhe falta a vontade [*Will*] de imitar Urquiza, e pôr a bola em movimento [começar o jogo], (PAGE, 1871).¹⁷

A utilização desse termo está relacionada à conquista territorial nos Estados Unidos, quando defensores da expansão propuseram que era destino manifesto do país se expandir.

¹⁷ A palavra *Will*, em inglês, conota *predestinação*.

Tal proposição justificou a Guerra contra o México (1846-1848), quando o país latino-americano perdeu metade do seu território. Além disso, tal prática legitimou outras anexações como a região do Oregon, ao norte da Califórnia. Ela alimentou também o genocídio indígena ou o confinamento de grupos nativos em reservas, em geral, longe do seu local de origem.

4.2 As luzes do presidente da Confederação Argentina: Justo José de Urquiza.

Enquanto Page desacreditava completamente Carlos Antonio López, ele mostrava que havia esperança para a região graças a presença de Justo José de Urquiza como Presidente da Confederação Argentina que, como mencionado, defendia a livre navegação dos rios, (BEIRED, 1996).

Page considerava que Francia havia deixado suas marcas entre paraguaios: eles tinham perdido força e vitalidade política. Ao mesmo tempo, ele considerava que “o país do marasmo” jamais tivera um governo ilustrado. O resultado, como não podia deixar de ser, se refletia na estagnação comercial. Assim, Page retrata “características nacionais” do Paraguai;

Sob o sistema atual, há a estagnação de todo o comércio neste lugar; as pessoas são pobres e inertes. Mas, como todos os paraguaios, são muito hospitaleiros. Nós podemos apenas esperar que o espírito [reacionário] que se infiltrou na Confederação Argentina, e a iluminada ambição do General Urquiza para elevar seu país política e socialmente, por uma Constituição liberal, a educação da juventude e do comércio exterior direto, será contagiosa e trabalhará o curso dessas **Repúblicas na direção ao Norte de La Plata**, (PAGE, 1871).

Segundo o comandante, Urquiza seria a única esperança para a região, já que estava preocupado em elevar as condições sociais e políticas da Argentina através de uma Constituição liberal. Para ele, a política, aliada à educação e ao livre comércio poderia contagiar outros países da região e quem sabe, as luzes pudessem alcançar o Paraguai do atrasado López.¹⁸

18 *Archivo General de La Nación*. Em correspondência direta a J.J. Urquiza, em 1853, o aliado norte-americano, cônsul britânico Charles Hotham, de Montevideú, agradece o exemplar da constituição da Confederação Argentina desejando-o boa sorte. Ou seja, o documento atestava rumos internacionalistas da política proposta pela Confederação. Correspondência direta, também de 1853, entre C.A. López a J.J. Urquiza (já de volta ao interior de Entre Rios), aponta a

Page acreditava que o país estava seguindo o caminho mais correto politicamente, por ter adotado a Constituição norte-americana como modelo. O autor afirma: “*Argentines deserve to imitate us*”, (PAGE, 1871). Ou seja, estavam mais próximos de seu ideal de civilidade, porque eram obedientes à supremacia do federalismo. Algumas vezes, o comandante reitera que a Argentina copiava os Estados Unidos. Ele defende a influência da navegação comercial norte-americana na região e o fato de Urquiza espelhar-se no país do Norte:

O mais lisonjeiro elogio foi pago ao nosso governo pelo povo da Confederação Argentina. Através dos seus representantes, adotaram nossa Constituição como modelo deles, em cada particularidade, salvo poucas coisas inoperantes. Eles apontam nosso progresso como exemplo ao seu próprio povo; copiam e distribuem escritos de nossos estadistas, desejam nos imitar à medida do possível, e com esta finalidade eles almejam a continuação da paz, (PAGE, 1871).

Todavia, se Urquiza tinha o propósito de imitar os Estados Unidos, obviamente, Page via Argentina e Estados Unidos em lugares hierárquicos distintos. Enquanto os Estados Unidos ocupavam um alto degrau da escala civilizatória posta por Page — e também por outros mais “ilustrados” da época — a Argentina precisava ainda elevar-se. Já o Paraguai era relegado a um patamar muito mais baixo. A comparação entre López e Urquiza repete-se com frequência no relato de Page.¹⁹

Apesar de ter habilidades naturais e alguma educação, López ama o poder; é cauteloso e sem escrúpulos no exercício do mesmo. Ele muito fala da “República” e seu desejo de melhorar a condição do povo, mas precisa da experiência nas relações de atrito com governos estrangeiros. Isto foi o que instruiu a ousada atitude, energicamente altruísta de Urquiza, para tornar-se governante iluminado. Ele diz ter se esforçado para criar escolas, pelo menos em *Assunción*, é uma teoria favorita. Mas uma transição repentina ou rápida do estado primitivo dos paraguaios operaria desfavoravelmente para a harmonia do seu governo e paz da República. López lhes dá pouco aprendizado, sempre com cautela e devagar, (PAGE, 1871).

proximidade de ambos. López notifica saber do bloqueio de Buenos Aires. Pelas circunstâncias da fuga de Urquiza, ele esteve em Montevideu, no Uruguai, junto com representantes brasileiros e bolivianos, articulando apoio à Confederação Argentina.

19 Denomina-se uma *fixação* pelo argumento do discurso narrativo do oficial. Neste sentido, Page prepara o *ápice* do relato de viagem, “o ataque ao *Water Witch*”, seguindo um movimento de *supense*. Nesse ritmo, a narrativa conforma os encontros com o Presidente do Paraguai em três oportunidades até a fatídica ruptura entre esses países e seus representantes.

A ideia de que a ilustração varreria para longe os vestígios de um mundo atrasado, pouco civilizado e irracional aparece também na narrativa, quando o autor encontra índios guerreiros na região do Chaco:

Eles ainda mantêm sua independência selvagem, não em passagens complicadas, montanhas inacessíveis, planícies estéreis, ou pântanos exalando morte, onde a ingenuidade ou indústria do homem branco não possa obter retornos lucrativos, mas ao longo do vasto domínio de 200.000 milhas quadradas, espalham-se em florestas de madeiras preciosas, lindas planícies, acessíveis por rios navegáveis, e irrigadas por centenas de afluentes, uma terra que, não de forma figurativa mas literal, emana leite e mel, (PAGE, 1871).

Nessa passagem, vimos o autor quase lamentar a presença de indígenas ainda em terras férteis, onde fluem leite e mel. Homens selvagens que não podiam, dada a sua ignorância, usufruir do que tinham em mãos. Não é preciso dizer que a sua comparação, mesmo que implícita, é com os Estados Unidos que, na época, já havia exterminado grande parte dos indígenas e confinado os remanescentes em reservas.

Quando o *Water Witch* atracou na Argentina, em meados de 1853, o país estava dividido entre o grupo herdeiro dos Unitários, liberais influenciados por ideias europeias e que lutavam por um governo centralizado a partir da cidade de Buenos Aires, e o grupo dos Federalistas, concentração de líderes que lutaram e mantiveram uma Confederação por algumas décadas, sustentando o poder das Províncias sobre Buenos Aires.²⁰

A porta de entrada ao *Prata* foi facilitada aos interesses dos sulistas norte-americanos devido à ascensão política de Justo José de Urquiza, governador anti-rosista de Entre Rios, líder local que transitava entre liberais e destacava-se pela abertura aos interesses externos, (TERNAVASIO, 2009).

Na grave disputa interna, assim que nomeado Diretor Provisório da Confederação Argentina, pelo Acordo de San Nicolás (1853), Urquiza outorgou a livre navegação dos rios da *Prata*, *Parana* e *Uruguay* aos países signatários; os Estados Unidos, Sardenha, França e Grã-Bretanha, (MEDRANO, 1989).²¹

20 O exemplo máximo Federal foi o caudilho Juan Manuel de Rosas, governador da Província de Buenos Aires que exerceu forte poder sobre as demais Províncias e sobre a população e marcou indelevelmente o período da Confederação Argentina. Em fevereiro de 1852, na Batalha de Caseros, liberais das forças do Império do Brasil, liberais uruguaios, alguns líderes Federais de Entre Rios e Corrientes - anti-rosistas descontentes com a concentração de poder de Rosas e “fechamento” do Prata aos negócios das Províncias – depuseram o caudilho, finalizando uma era da Confederação Argentina.

21 “Urquiza era charqueador, criador de ovelhas, exportador de carne, proprietário de navios, importador de produtos europeus para a Província de Entre Rios, possuía enormes estâncias, reunia riqueza e poder.” Ele tornou-se Presidente da

Logo no primeiro parágrafo do relato de viagem, Page reverencia os efeitos do “pacto” internacional originado pela “ilustrada administração” de Urquiza;

Um vasto território foi aberto ao comércio e, não obstante, as mais liberais facilidades foram concedidas à imigração. Os resultados eram visíveis logo neste período, demonstravam a sagacidade de Urquiza e antecipavam a prosperidade que aquela porção da América do Sul viria adquirir sob sua ilustrada administração, (PAGE, 1871).

Contudo, na Argentina, reajustes entre as forças de Unitários e Federalistas fomentaram uma guerra civil cujo embate perdurou até a metade do ano seguinte, 1854. Os conflitos separaram a política e a economia dentre Províncias e a capital por aproximadamente uma década, causando também um ambiente de hostilidade aos estrangeiros que estivessem em trânsito pelo local.²²

No momento em que Page adentrou Buenos Aires, a cidade encontrava-se sitiada por terra e bloqueada pelo rio. Segundo o historiador James Scobie, “se em fevereiro de 1852 Urquiza havia entrado triunfalmente na cidade de Buenos Aires, em 13 de junho de 1853 ele abandonava a cidade sob a escolta dos representantes diplomáticos estrangeiros”, (SCOBIE, 1964).

É um fato simbólico que Urquiza tenha sido transferido às pressas para Entre Rios por T.J. Page, escoltado no *Water Witch*, em ação coordenada com a diplomacia francesa e a britânica. O comandante sulista defende as atitudes “ilustradas” de Urquiza, desde o começo de sua narrativa. Contudo, ele foi retirado às pressas da cidade ameaçada, onde os Unitários não queriam ter um Federalista no poder. No momento em que escrevia, esperava-se o bombardeamento da capital:

Apesar de um bombardeio de Buenos Aires ter sido considerado iminente, parece nunca ter sido a intenção de Urquiza recorrer a uma medida tão desesperada. Ao interromper o comércio e realizar o corte de abastecimento ele tinha esperança de trazer as autoridades aos termos de acordo, (PAGE, 1871).

Confederação em 1854, depois de instituída constituição, em 1853 (segundo a autora, inspirada pelo liberal Juan Bautista Alberdi), em Santa Fé. França e Grã-Bretanha unificaram entre 1856-57 o reconhecimento de legitimidade à Confederação. 22 *Arquivo General de La Nación*. A repercussão e durabilidade na Guerra Civil da Argentina não foram fáceis. Em carta endereçada a J.J. Urquiza, certo representante do governo Francês em *La Plata*, 1855, apela à “Excelência”, Diretor Provisório da Confederação Argentina, comunicando o assassinato de três basco-franceses (um sobrevivente) na Província de Maldonado, pelos soldados de “capitão Cuelli”, provável *caudilho* da região. Esperando o fim da guerra, ele pede que “justiça seja feita e que lhe importe logo vir a tranquilidade e a pacificação do país. Afinal, crimes passionais deveriam ser vistos “como atentados à população estrangeira”.



Justo José de Urquiza, enquanto “Presidente da Confederação Argentina”, (PAGE, 1871).²³

No retrato, Urquiza tem boa aparência - elegante e sorridente -, é símbolo de comedimento. Segundo Page, “sua autodisciplina remete aos tempos do serviço militar”. Sobre a recepção realizada na estância de Urquiza, em Entre Rios, ele comenta que, como sinal de afetividade e gratidão, o *caudillo* fez questão de passar com sua comitiva por *Concepción del Uruguay*, o vilarejo onde nasceu e passou sua juventude.²⁴

Fomos logo convocados à presença de Urquiza, uma forte pessoa, bem formada, de estatura média, com olhos finos e penetrantes e com franco semblante. Suas maneiras dignas, mas muito corteses logo me impressionaram, favoravelmente. Se é um “sem educação” ou “mero *gaucho*”, como me foi dito por muitos, acho que ele tem uma inteligência natural e uma ousada capacidade que irá capacitá-lo a administrar com habilidade as funções de alta responsabilidade que lhe foram delegadas pelo povo da Confederação Argentina, (PAGE, 1871).

23 Nota-se que a oscilação do título do cargo político de Urquiza, entre Presidente ou Diretor Provisional da Confederação Argentina, foi motivo de descrédito à sua legitimidade, especialmente, em relação aos tratados internacionais.

24 Neste período, após a escolta para o interior, correspondências entre T.J. Page a Urquiza revelam que o comandante pediu encarecidamente sua atenção e proximidade com López, para viabilizar a tramitação do tratado com o Paraguai aos Estados Unidos.

Note-se que, enquanto López era descrito como um homem de inteligência limitada, Urquiza, “apenas de um mero *gaucho* sem educação como muitos diziam”, apresentava uma “inteligência natural e grande capacidade de administração”. (PAGE, 1871) Sobre o rendimento de suas posses, Page comentou:

Para dar uma ideia, posso afirmar que na estância de San José havia 70 mil ovelhas, 40 mil cabeças de gado e 2.000 cavalos. Eu não há imagem mais bonita do que esses rebanhos finos circulando sobre terras tão ricas. O valor de cada animal nos Estados Unidos chegaria a algumas centenas de dólares, mas aqui poderia ser comprado por uns dezesseis, (PAGE, 1871).

É importante notar, novamente, a comparação dos valores das terras nos Estados Unidos e na Argentina. Enquanto no país do norte elas eram valiosas (ou os norte-americanos sabiam valorizar o que tinha realmente valor), no país sul americano elas eram depreciadas (ou os argentinos não sabiam o real valor de terras férteis).

Aos poucos a relação entre Page e Urquiza se estreitou. Seu filho John, com doze anos foi acompanhá-lo na primeira parte da expedição tendo consentimento do Secretário da Marinha. Estudou em internato no Colégio de Assunción, instituído por Urquiza e mantido pela Província de Entre Rios. Orgulhoso, Page menciona o filho algumas vezes; observa seu progresso na escola “com ótima educação britânica”, onde conviveu com herdeiros consideráveis.

Pela descrição do colégio, defende a “ilustração” do colega; “Esta instituição permanecerá enquanto um nobre monumento graças à visão esclarecida de Urquiza”. (PAGE, 1871) Pouco depois, na narrativa, comenta que no país não havia colégios protestantes, todavia, “eles não são proibidos”. Provavelmente estava pensando na transferência de colonos sulistas para a região.

Vale ressaltar que todo o florescimento de Page a Urquiza e à Confederação concentra-se no relato de viagem, mas esses elogios não determinavam a real política da diplomacia norte-americana na região. Documentos argentinos apontam que o corpo consular do país manteve, ao mesmo tempo, boas relações com Buenos Aires. Especialmente com Bartolomeu Mitre, então Chefe do Exército, que nesta década aliciava sua ascensão política. Além disso, norte-americanos articularam facilidades à navegação de cunho científico junto à Marinha Federal, buscando aliviar as inspeções dos seus navios em trânsito.

Embora essa richa interna tenha intensificado a tradicional concentração da receita nacional nas alfândegas portenhas, em discurso narrativo, Page relata a prosperidade da Confederação. Segundo o historiador Clifton Kroeber, com a soberania dividida, navios

oceânicos costumavam a parar em Buenos Aires pelas vantagens em descarregar, distribuição e comércio. Tecnicamente, questões de peso e profundidade, o porto de Rosário não oferecia segurança, mesmo no apogeu da produção de grãos. Os planos sulistas para exploração da navegação no Prata incluíam a construção de ferrovias ao interior, visando vitalizar o comércio atravessando a Bolívia e o Peru, e para escoar minérios principalmente, (KROEBER, 1967).

Mas, Page observa com exagerado otimismo o desenvolvimento das Províncias no trecho indicado;

Pela introdução do vapor, a distância será aniquilada; e embora Buenos Aires possa tornar-se a primeira cidade da América do Sul, com apenas uma parte do comércio de *La Plata*, não pode mais esperar para monopolizar o negócio de um país cuja extensão e recursos são suficientes para comportar o florescer de centenas de cidades comerciais, (PAGE, 1871).

Entretanto, é importante salientar que Page não era partidário dos Federalistas, ele defendia exclusivamente Urquiza e seus aliados, pois via o homem de Entre Rios como a salvação do país frente a outros caudilhos que concentravam muito poder como Juan Manuel de Rosas (ao seu ver, um “*Hard man*”). O comandante norte-americano percebia de forma negativa também a população “dominada por caudilhos” e os paraguaios em geral. Entretanto, reitero que, como exposto no excerto acima, se houvesse na região um governo ilustrado, baseado firmemente em uma Constituição, que incentivasse a educação de jovens e o livre comércio, isso contagiaria outras regiões, atingindo consideravelmente as populações. Na concepção de Page, as luzes se impunham de maneira determinante, afastando o atraso e a barbárie.

4.3 A “República Sul-Americana”, conforme imaginada por Page.

Diplomatas do Brasil — único Império em meio a repúblicas sul americanas —, interessados em estabelecer vias fluviais à Província do Mato Grosso aprovaram um acordo bilateral (Estados Unidos e Brasil), em 1853, permitindo o trânsito do *Water Witch* em

trechos com margens no território brasileiro, impondo um significativo limite até Corumbá, a 120 milhas de Coimbra, (CERVO, BUENO, 2009).²⁵

Como vimos, a navegação, em especial do rio *Paraguay*, implicava negociação entre os atores regionais. Page aponta uma excursão da armada do Brasil ao Paraguai, em 1855, indicando a preocupação brasileira na situação do ataque ao *Water Witch*. É possível que esta tenha sido uma ação coordenada entre representantes oficiais do Brasil e dos Estados Unidos, (PAGE, 1871).²⁶

Contudo, no mesmo trecho, Page comenta não compreender como poderia o Brasil impedir a navegação fronteiriça em determinados trechos, considerando-se ser tão difícil o acesso desde a costa do país ao extremo interior. Todavia, mesmo consciente dos limites impostos pelo governo brasileiro à navegação, Page percorreu o rio até depois de Corumbá. Nota-se que ao chegar no Forte Coimbra, ele testa as autoridades brasileiras quanto ao cumprimento do acordo. Declara-se impressionado ao encontrar um oficial com “tamanha inteligência, maneiras polidas” e correto em seu ofício civil. Mas na visão heróica e nacionalista, justifica a desobediência pelo “progresso da expedição”.

Eu estava a uma **ligeira** extensão dos "meus limites", a princípio estabelecidos até Albuquerque quando encontrei este oficial entusiasmado em desenvolver o progresso da exploração, "frutífera", como disse ele, "com resultados gloriosos, e digna de comemoração por uma coluna de mármore. O pequeno *Water Witch*", acrescentou ele, "vai viver na memória do os brasileiros", (PAGE, 1871).²⁷

Seguindo a lógica do comandante, é possível constatar que ele não via problemas em forçar os limites impostos por Brasil e Paraguai, uma vez que ele comandava um navio dos Estados Unidos, notadamente um país em grau de civilização mais avançado que os dois países. Por essa razão, ele afirmou em excerto acima sobre a inteligência limitada de Carlos Antonio López que não concebia que os navios norte-americanos na região ajudaria o Paraguai, não os Estados Unidos.

25 Como define Clodoaldo Bueno, o período entre 1851 e 1864, de “presença brasileira ativa”, respondia à ameaça estrangeira pela integridade do Império, principalmente a presença dos norte-americanos na Amazônia. Na disputa por influência regional, a partir de 1850, a defesa do Brasil pretendeu impor-se aos vizinhos através da Marinha do Brasil.

26 O envolvimento brasileiro no caso permanece questionável. Page menciona a operação duas vezes, sendo a primeira, logo na abertura do relato.

27 Page deixa transparecer que latino-americanos estivessem “de olho” nos canhões do *Water Witch*. Oficiais brasileiros em Coimbra, por exemplo; “O comandante, como bom militar, estava particularmente interessado e examinando nosso pequeno armamento, que consistia em três *Howitzers*. ‘São peças perfeitas da classe, seriam esplêndidos para operar em campo nesta posição da fronteira’.”

Em termos estratégicos, Page avalia a posição do Paraguai, na qual recrimina uma atitude política protecionista em relação ao exterior e o início de um sistema de cercamento comandado por López. Nota-se uma abordagem assimétrica na aproximação política do norte-americano que declarava abertamente visionar a formação de um “Império da América do Sul” na região;

[López] não é um "homem insano", que deve, em razão das suas fraquezas, ser posto de lado, mas uma criança fraca, carente da segurança e nutrição de um forte braço protetor. Em suma, o Paraguai será absorvido e incorporado como parte integrante do "Império da América do Sul". De um lado e sozinho está o Presidente López disposto a resolver essa questão; isto é, deixar o território em disputa completamente fora de ocupação pelos demais países, (PAGE, 1871).²⁸

Page defende abertamente que os países da América do Sul em torno da bacia do *Prata* formem uma espécie de Confederação nos moldes constitucionais norte-americanos, conforme defendidos por Urquiza. Assim, o Paraguai poderia ser integrado numa nova ordem, destituindo a influência negativa de López.

Segundo Page, a edificação de uma “República Sul Americana”, em moldes liberais, cuja união previa Bolívia, Paraguai, os Estados (autônomos) da Confederação Argentina e de Buenos Aires, em uma comunidade de nações fortaleceria a região. Para tanto, a solução seria implementar uma República constitucional e laica em moldes norte-americanos. De certo modo, no período, as potências mundiais ainda eram regidas por governos monárquicos e a liberdade, “mais democrática”, que a política norte-americana deixava transparecer era um novo valor proposto em seu modelo.

Sob a assistência de uma Constituição liberal, que rejeitaria toda exclusividade intolerante de doutrina político-religiosa, somada às facilidades que o clima e o solo oferecem para novas populações - sobretudo, aos agricultores e artesãos -, a superfície desses ermos seria transfigurada em Estados prósperos, partes da República Sul Americana que avançaria para um auge de poder sem precedentes, (PAGE, 1871).

Observa-se que o autor imagina uma Confederação de Estados que reuniria as Repúblicas da região, excluindo o Brasil, monárquico. Pelo exposto acima é possível

28 Referência indireta ao imperador Frederico II da Criméia, apelidado do “homem insano da Europa” durante a guerra naval que aconteceu em momento simultâneo à expedição de Page e da us navy à América do sul. Influenciou na visão do debate acerca da navegação dos rios, justificando por meio da lei a ofensiva pela abertura da livre navegação no rio *Paraguay*.

identificar a arrogante postura do norte-americano frente aos países da América do Sul, em especial os que se concentram em torno da bacia do *Prata*. Page investia-se de autoridade suficiente para propor uma espécie de Confederação sul americana e, logo em seguida, desanimar em razão de seu julgamento sobre os homens que encontrava, alegando não terem a mesma visão que a dele.

A desqualificação que Page fez do Paraguai esteve vinculada diretamente ao fato da proibição imposta pelo Presidente Carlos Antonio López ter atingido interesses norte-americanos. Por outro lado, ele via em Justo José de Urquiza, Presidente da Confederação Argentina, a possibilidade de mudança e afirmação da influência norte-americana na região.

Na percepção desse comandante da U.S. Navy, o caudilho de Entre Rios havia alcançado algum êxito no país pelo fato de mirar-se no exemplo dos Estados Unidos. Sua narrativa de viagem expressa de forma explícita a cultura imperial que instrumentalizou os viajantes norte-americanos, no século XIX. Para Page, como para outros entusiastas nacionalistas do seu tempo, as luzes da civilização afugentariam definitivamente o mundo irracional e ainda bárbaro que constava na América do Sul.

Conclusão

Após a retaliação dos Estados Unidos, Page — que não participou da intervenção no Paraguai, ainda que o *Water Witch* fizesse parte da frota de 19 navios — retornou para concluir a prospecção do Estuário do *Prata*. O texto desta narrativa, intitulado *Farther Explorations in La Plata made in the years 1859 and 1860 under the orders of the United States Government*, conformou a segunda parte do relato de viagem oficial da expedição. Nesta segunda etapa, os sulistas utilizaram os navios a vapor *Argentina* e o *Alpha*, um navio menor e mais apropriado para rios de cursos difíceis. Visitaram, especialmente, os rios *Vermelho*, *Pilcomayo* e a região de *Otuquis*, no sentido da Bolívia — exatamente as partes que ficaram faltando prospectar por causa do conflito, (PAGE, 1871).²⁹

Aparentemente, a árida geografia do Chaco - “um mar de mato”, nas palavras de Page -, com seus misteriosos alagadiços, assim como a “hostilidade” das populações indígenas, principalmente, dos índios *Guaranis*, desta vez, justificaram maiores dificuldades à expedição, (WOOD, 2000).

²⁹ É interessante que Page mencione ter se encontrado com Francisco Varnhagen, do *Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Aparentemente, Varnhagen e os brasileiros também prospectavam as divisas da região de Otuquis.

Page não encontrara a passagem do *Prata* para o *Amazonas* como sonhara, o que faria com que recebesse louros no seu país pelo achado, evitando que a expedição fosse lembrada pelo conflito que envolveu a armada de 19 navios ao *Paraguay*.

De qualquer forma, considera-se que parte dos objetivos de Thomas Jefferson Page foram levados a cabo no Estuário do *Prata*: afinal, eles realizaram o mapeamento da região e conseguiram firmar alguns acordos de navegação e comerciais. Entretanto, eles não divisaram a passagem entre as bacias do *Prata* e do *Amazonas* que tanto procuram. Eles também não tiveram sucesso quanto ao projeto de estabelecer uma imigração de famílias sulistas no Amazonas ou quem sabe para a região do *Prata*.

No entanto, os objetivos que Page cumpriu no *Prata* foram somente finalizados por ameaça do uso da força dos Estados Unidos na região, em um evento no qual uma armada foi conformada para que submetesse o governo do Paraguai ao que os Estados Unidos consideravam como “as leis internacionais”. Leis que, como se sabe, haviam sido ditadas na Europa, mas que nem todos os países haviam aderido. Muitos, inclusive, poderiam aderir ao Tratado de navegação dos rios quando interessava, ou rechaçar o mesmo quando seus interesses estivessem ameaçados. Esse foi o caso do Brasil, que argumentou pelo fechamento do rio *Amazonas* às nações estrangeiras, mas lutava para a abertura dos rios da bacia do *Prata*, em razão do tráfego dos navios brasileiros até o Mato Grosso.

A meta política de Page, edificação de uma República Sul Americana, cuja união previa Bolívia, Paraguai, os *Estados* (autônomos) da Confederação Argentina e de Buenos Aires, em uma comunidade de nações esteve longe de acontecer. Nota-se que o Paraguai de López demonstrava que não queria entrar “no clube” da Constituição nos moldes liberais norte-americanos, no qual queriam padronizar para negociar, assegurando o direito privado. Neste sentido, Urquiza foi um dos representantes latino-americanos mais obedientes. Portanto, foi apoiado internacionalmente, sobretudo pelos anglo-saxões (Estados Unidos e Grã-Bretanha).

A Guerra Civil (1861-1865) pôs fim a era dos sulistas na U.S. Navy. Page serviu como comandante na Marinha dos Confederados, na Virginia. Baseou-se no rio *York*, perto de Gloucester County, sua cidade natal. Mais tarde, em 1863, serviu como diplomata e atuou como agente secreto na Itália, encarregado de recuperar o encouraçado *Stonewall* para os Confederados, (PONKO JR., 1974).

É um fato significativo que, após a Guerra Civil Norte-americana, Page, muito próximo de Justo José de Urquiza, tenha passado uma temporada na Província de Entre Ríos, levando

com ele dois de seus filhos, Philip Nelson e Frederick John, que morreu, em 1890, em um ataque dos “selvagens” enquanto prospectava o rio *Pilcomayo*, (KROEBER, 1967).³⁰

As boas relações de Page com Urquiza perduraram; ele recebeu dele terras para cuidar e meios para cultivá-la. Ao fim do seu relato de viagem, Page menciona o conselho do amigo para aposentar-se em Entre Rios, (PAGE, 1871).

Bem acolhido na Argentina, o sulista desenvolveu um sistema de defesa entre Buenos Aires, a ilha Martin Garcia e Encenada, utilizando torpedos similares aos desenvolvidos na Guerra Civil nos Estados Unidos. Em 1875, junto a Hunter Davidson, também da Virginia, criou a Divisão Argentina de Torpedos. Contratado pelo governo argentino trabalhou na construção de quatro navios na Grã-Bretanha. Passou o final da vida na Itália, já cego. Faleceu em Roma, em 1899, aos 92 anos, (GERDING, 2003).

A melancólica trajetória pessoal de Page mostra o percurso de um “aristocrata” após a derrocada do Sul dos Estados Unidos na Guerra Civil. Tanto na Argentina, na Itália ou na Inglaterra, Page esteve longe do país que havia imposto aos seus iguais uma “amarga derrota”. Junto à sua família foi expatriado do seu país de origem.

Fontes:

PAGE, T.J. La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay. Being a narrative of the exploration of the tributaries of the river La Plata and adjacent countries during the years 1853, '54, '55 and '56, under the orders of the United States Government & Farther Explorations in La Plata - Made in the years 1859 and 1860, under the orders of the United States Government. Biblioteca do Congresso norte-americano, Washington, DC. Washington: Harper and Brothers, 1871. Cf. http://archive.org/stream/cu31924021079565/cu31924021079565_djvu.txt (Acessado em 02/09/2013)

PAGE, T.J. Report of the Exploration and Survey of the River La Plata and Tributaries by Thomas J. Page, Commanding the United States Steamer Water Witch to the Secretary of Navy. Washington: Connerlius Wendell Printing, 1856. Biblioteca da Universidade de Columbia, N.Y, Estados Unidos. Cf. <http://goo.gl/UxMf2f> (Acessado em 02/09/2013).

30 Em 1869, Hopkins participou da obra de transposição do curso do rio *Vermejo*, um dos maiores acidentes ecológicos da história da região. “Como resultado, o curso inverso Teuco-Vermelho empurra errônea e anualmente ao rio *Paraguay* uma quantidade de areia e argila vermelha estimada em 100.000.000 toneladas (62 milhões m³).”

PAGE, T.J. "La Plata, the Argentine Confederation, and Paraguay", in North American Review, Harpers magazine, Volume 0088 Issue 183 (Abril de 1859), pp. 430-443. Biblioteca da Universidade de Cornwell, Estados Unidos.

Archivo General de La Nación – Museo Histórico Nacional, Buenos Aires, Argentina.

Índice Temático General; Correspondencias Navales (Estados Unidos)

MARINA Años 1851-1859, Capitanía del Puerto – Copiador de Cartas

Tomo 10.36.10.22 (Folhas numeradas)

Archivo General Justo Jose de Urquiza – Buenos Aires, Argentina.

De 1853 a 1859; de TOMO 146 a TOMO 163. (Folhas numeradas)

AFRICAN American Newspapers, THE NATIONAL ERA, Opening of the Rivers Amazon and La Plata; March 31, 1853; Washington, D.C. Butler Library, Columbia University.

BOURNE, John. Indian River Navigation A report to the comitee of gentlemen formed for the establishment of improved steam Navigation upon the Rivers of Índia India; W. H. Allen & Company: Londres, 1849. Butler Library, Columbia University.

DALENCE, Jose Maria. Bosquejo estadístico de Bolivia. Chuquisaca, Ymprenta de Sucre, 1851. Butler Library, Columbia University.

GUZMÁN, Santiago Vaca. Intereses comerciales entre Bolivia y el Plata El Pilcomayo, por Santiago V. Guzman. Obra escrita por Comisión especial de s.e.el señor ex-ministro del interior de la República Argentina, dr. D. Saturnino M. Laspiur (1847-1896). Buenos Aires, Impr. de P. E. Coni, 1880. Butler Library, Columbia University.

HERNDON, William L. Exploration of the valley of the Amazon : made under the direction of the Navy Department. Volume 1. Washington, 1854. 439pp. 3 vols. Sabin Americana. Gale, Cengage Learning. Columbia University, 2012. Cf. <http://goo.gl/xynDEh> ((Acessado em 02/09/2013)).

INGERSOLL, Mr. Report of the Memorial of Lieutenant Maury: In Behalf of the Memphis Convention in Favor of the Free Navigation of the Amazon River to the Comitee of foreig Affairs, Ed 22 Miscellaneous (U.S. House of Representatives, 33rd Congress, Report N 95, Washington) 1854. Butler Library, Columbia University.

MUÑOZ, Juan Ramón. Apuntes cronológicos de la campaña emprendida sobre el sud por el ejercito libertador al mando de S.E. el Jeneral Ysidoro Belzú. Lo escribió el Oficial Mayor de Guerra J.R.M. La Paz - Bolivia; Impr. de Beeche, 1848. Butler Library, Columbia University.

WORLD AFFAIRS, "A Court of Nations" In *The Advocate of Peace*. Boston: American Peace Society, janeiro e fevereiro de 1859, pp. 8-10. Cf. <http://goo.gl/fOlSP7> (Acessado em 02/09/2013).

Bibliografia:

BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BENTON, Lauren. *Law and Colonial Cultures*. Cambridge University Press: NY; 2001.

----- . *Geography and Empire*.

BORM, Jan. *Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writting and Terminology*. In: HOOPER, Glen and Youngs, Tim. *Perspectives on Travel Writing*. Londres: Ashgate, 2004.

BURNETT, D. Graham. *Hidrographic discipline among the Navigators: charting and empires of Commerce and Science in the Nineteenth century Pacific, in Akermas, James, The Imperial Map : Cartography and the Mastery of Empire*, University of

Chicago Press, 2009, p. 185-257.

CERVO, Amado, BUENO, Clodoaldo. *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Cidades, Províncias, Estados: Origens da Nação Argentina (1800-1846)*. São Paulo: Hucitec, 2009.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUROSELLE, Jean Baptiste. *Todo Império Perecerá. Teoria das Relações Internacionais*. Brasília: UNB, 1998.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a Consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006.

FITZGERALD, Oscar P. *Profit and Adventure in Paraguay in America Spreads Her Sails*, org. BARROW Jr, Clayton R., Naval Institute Press, Annapolis, Maryland, 1973, p. 70-79.

GERDING, Eduardo C. "The Confederate Navy and the Argentine Hydrographic survey: Time of the Spar Torpedo", in *The Buenos Aires Herald*, Domingo, 14 de dezembro, 2003 – Focus - 8. Cf. <http://www.civilwarhome.com/argentinehydrosurvey.htm> (Acessado em 02/09/2013).

GLENN, Thomas Allen. *Some Colonial Mansions and Those Who Lived in Them*. Philadelphia: Henry T. Coates & Co., 1899.

HILL, Lawrence F. *Diplomatic Relations Between the United States and Brazil*. Durham: Duke University Press, 1932.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital (1848-1875)*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JOSEPH, Gilbert M., "Close encounters. Toward a new cultural history of U.S. –Latin American Relations", in Gilbert M. Joseph, Catherine Legrand e Ricardo Salvatore (orgs.), *Close encounters of empire. Writing the cultural History of U. S.-Latin American relations*, Durham, Duke University Press, 1998, p. 3-46.

JUNQUEIRA, Mary A. "Ciência, técnica e as Expedições da Marinha de Guerra Norte-americana, U.S. Navy, em Direção à América Latina (1838-1901)". In *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História, UFMG, vol. 23, n. 38, jul/dez 2007.

----- . *Ao Sul do Rio Grande – Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

----- . *Charles Wilkes, a U.S. Exploring Expedition e a Busca dos Estados Unidos da América por um Lugar no Mundo (1838-1842)*. In *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, 2008, pp. 120-138.

----- . *Os objetivos da circunavegação da U.S. Exploring Expedition (1838-1842): longitude, mapeamento náutico e instituição das coordenadas geográficas modernas*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, pp. 27-48.

KROEBER, C. B. *La Navegación de los Rios em La História Argentina (1794-1860)*. Buenos Aires: Paidós, 1967.

LA FUENTE. Ariel de. "Gaúchos", "Motoneros" y "Motoneras", in GOLDMAN, Noemi e SALVATORE, Ricardo (org.) *Caudilhismos Rioplatenses. Nuevas Miradas a un Viejo Problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

LYNCH, John. *As Repúblicas do Prata, da Independência à Guerra do Paraguai*. In: Leslie Bethell (org.). *História da América Latina, Volume III: da Independência até 1870*. São Paulo – Brasília: Edusp-Funag, 2001.

LUZ, Nícia. *A Amazônia para os Negros Americanos*. Editora Saga, Rio de Janeiro, 1968.

MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria: Imaginação Geográfica e Política Externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

MEDRANO, Lilia I. Z. de. *A Livre navegação dos Rios Paraná e Uruguai: uma Análise do Comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1989.

MIROW, M.C. *A History of private Law and institutions in Spanish America*, Texas University Press, 2004.

-----_. U.S. “The Power of codification in Latin America: Simon Bolívar and the Code Napoleón” *Tulane Journal of International and Comparative Law*, 2000.

MONIZ BANDEIRA, L. A. *O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai – da Colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 3ª Ed. Rio de Janeiro/ Brasília: Revan- EdUnb, 1998.

MOREIRA, Marília A. S., *Expectativas e impasses dos sulistas norte-americanos no Estuário do Prata: a questão da navegação dos rios e a viagem do comandante da U.S. Navy - Thomas Jefferson Page (1853–1860)*, São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Mestrado, 2013. In, Revista Eletrônica da ANPHLAC, Ano XII, N15, <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1443>

PALM, Paulo Roberto. *A Abertura do Rio Amazonas à Navegação Internacional e o Parlamento Brasileiro*. - Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. FFLCH-USO – dissertação de Mestrado em História Social, 2005, (mimeo).

PLATT, D. C. M. *Latin America and British Trade (1806–1914)*. Londres: Adam & Charles Black, 1972.

PONKO, Vincent Jr. *Ships, Seas and Scientists – U.S. Naval Exploration and Discovery in the Nineteenth Century*. Annapolis: Naval Institute Press, 1974.

PRADO, Maria Lígia C. *América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 1999.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império – Relatos de Viagem e Transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.

RICERCHIA, Ricardo. *Viajeros: Ilustrados y Românticos en La Imaginación Nacional*. 1ª Ed. Buenos Aires: Troquel, 2005.

ROMANACH, Alfredo B., ROQUE, Julio Rafael Contreras. *El Paraguay en 1857. Un Viaje Inédito de Aimé Bonpland*. Assunción: Servilibro, 2006.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALVATORE, Ricardo D. *The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire*. In LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

_____. *Imágenes de un Império. Estados Unidos y las Formas de Representación de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 2006.

SAMPAIO, Maria Clara S. *Fronteiras Negras ao Sul. A Proposta dos Estados Unidos de Colonizar a Amazônia Brasileira com Afro-descendentes Norte-americanos na Década de 1860*. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o Interamericanismo*. São Paulo: UNESP, 2004.

SARAIVA, José Flávio Sombra. *Relações Internacionais Dois Séculos de História*. Rio de Janeiro: FUNAG, 2001.

SCHEINA, Robert. "Water Witch Incident." *Encyclopedia of Latin American History and Culture*. Ed. Jay Kinsbruner and Erick D. Langer. 2nd ed. Vol. 6. Detroit: Charles Scribner's Sons, 2008. 425. *Gale Virtual Reference Library*. Web. 2 May 2012.

SCHIMITT, Carl. *El Nomos de La Tierra*. (1ª Ed. 1950).

SCOBIE, James R. *La Lucha por la Consolidación de la Nacionalidad Argentina (1852-1862)*. Buenos Aires: Librería Hachete, 1964.

SLAUGHTER, Anne Marie. *The Impact of International Law on International Cooperation: Theoretical Perspectives*. Edited by Eyal Benvenisti and Moshe Hirsch. New York: Cambridge University Press, 2004.

SPROUT, Harold & Margaret. *The Rise of American Naval Power (1776-1918)*. Annapolis: Naval Institute Press, 1966.

SCHROEDER, John H. *Shaping a Maritime Empire – The Commercial and Diplomatic Role of the American Navy (1829-1861)*. Westport: Greenwood Press, 1943.

SHUMWAY, Nicolas. *La Invención de la Argentina. Historia de una Idea*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1993.

TERNAVASIO, Marcela. *El pensamiento de los Federales*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A Viagem e Seu Relato*. In *Revista de Letras da UNESP*. São Paulo: vol. 46, n.1, 2006.

----- . *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

WATSON, Adam. *A Evolução da Sociedade Internacional: Uma análise Histórica Comparativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WHEATON, Henry, PHILIPSSON, Coleman, *Elements of International Law*, pp. 197-288. Google Books; Cf.: <http://goo.gl/dNUOs2> (Acessado em 02/09/2013).

----- . WHEATON, H. *History of the Law of Nations in Europe and America: From the Earliest Times to the Treaty of Washington, 1842*. “Modern Law of Nations” – Freedom of Navigation of the Great Rivers, pp. 498-516. Google Books; Cf. <http://goo.gl/HHPxy0> (Acessado em 02/09/2013).

WOOD, Robert D. *Page, Thomas Jefferson*. American National Biography Online. American Council of Learned Societies. Oxford University Press, 2000.

Texto recebido em 22 de outubro de 2013 e aprovado em 12 de março de 2014